

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 8 DE FEVEREIRO.

A alliança entre os setembristas e os realistas tem feito estontear a gente do governo. Essa alliança poupa muito sangue, e isso contrista os corações generosos dos nossos dominadores—alevanta o paiz em massa, e isso faz dissipar aquellas doces e meigas esperanças com que tentavam dispôr das nossas liberdades, honra, e fazenda. O tigre julgava segura a presa nas suas cruentas garras, e a presa escapou-se-lhe.

A isto é que se devem os devaneios da folha official. Hoje insulta este, amanhã aquelle. Diz aqui para desdizer alli. É que sem duvida. Deos o privou do uso da razão para o perder.

A imprensa do Porto publicou as bases para a alliança dos dois grandes partidos em que se divide a nação. Essas bases offercidas pela junta são as seguintes:

«A conveniencia e necessidade de debellar a facção de Lisboa é commum ao partido liberal e realista.

«Mas a maxima parte da nação tem reconhecido a junta provisoria do governo do Porto, e está na sua obediencia, assim como não ha outro algum partido em campo que possa competir com as suas forças e recursos.

«A junta admite a coallição de todos os partidos contra o inimigo commum, mas não pôde abandonar, nem atraiçoar a sua missão, que é centralisar todos os interesses no grande fim de salvar a liberdade do paiz.

«Se o partido realista quizer ajuda-la neste presupposto, com a maior satisfação e reconhecimento acceitará a junta a sua cooperação e apoio.

«De futuro ficará livre ao partido realista proceder como entender conveniente. Se quiser continuar nesta alliança de nacionalidade, gozará sem differença de todas as garantias de que goza o partido liberal, e entrará nos postos e empregos para que se ache habilitado, e a antiga officialidade realista gozará das vantagens a que suas antigas patentes lhes der direito.

«Se entender porém que lhe não convém continuar nos principios de fuzão, poderá considerar-se desligado da coallição, desde o

«momento em que a facção de Lisboa fôr debellada: bem entendido que os factos anteriores não servirão de base a procedimento algum de parte a parte. — Porto 6 de Janeiro de 1847. — Antonio Luiz de Seabra.»

Uma denominada junta realista apresentou as bases que julgava mais convenientes para levar a effeito a projectada alliança. Não as publicamos hoje por falta de espaço; mas ainda o faremos.

N'uma memoria escripta por um realista, na qual se publicam estes documentos, e que o *Diario* considera authentica, diz-se o seguinte:

«Era de esperar que tão nobre comportamento (da junta realista) fosse devidamente apreciado; era de esperar que não se recusasse aquillo mesmo que se tinha mostrado desejar; nem aquillo em que se havia consentido; — *entretanto o facto foi outro.*

«Pelos noticias que hoje do Porto recebemos, acabamos de ver que alli se soffismou artigo por artigo a resposta da junta realista, e que o que se pertendia era uma abnegação de principios, um renegamento de bandeira, a troco de dois ou tres punhados de cartuxos.»

Por este documento cuja authenticidade o governo reconheceu vê-se que as condições dos realistas não foram acceites, e que ficaram em pé as da junta.

A consequencia foi que o partido realista se fraccionou; e que a maior parte adheriu á bandeira da junta do Porto, ficando alguns restos com Mac-Donell.

Assim é que os Povoas, os Guedes, os Cardozos e outros caracteres distinctos do partido realista abraçaram a causa popular. Assim é que o proclama o general Povoas nas duas Beiras; assim é que a junta do Porto lhe confere o commando dellas.

O *Diario* assim o entendeu, e na sua folha de 4 do corrente lamenta esta união, injuria os realistas porque se afiastam das instrucções do Ribeiro Saraiva, chama-lhes traidores por prescindirem de D. Miguel, e aconselha-nos a que desconfiemos delles. Veja o mundo estas lamentações, e admire como os defensores da rainha choram a conversão dos inimigos do seu throno. Eis-hi o que diz o *Diario*:

«Qual garantia dão de si esses perfidos e insensatos que a rebellião busca para amigos, que anima carinhosa — e que aperta ao scio, imprudente?»

«O juramento? Mas elles trahiram-o infameamente em 1828; trahiram-o ainda quando até pouco ha sollicitaram do governo mercês que alcançaram. *E o que são elles senão perfeitos traidores se é que se afastam (o que não concedemos) das proprias instrucções de Antonio Ribeiro Saraiva prescindindo de acclamar o seu rei Miguel?*

«Que os entusiastas das creanças liberaes se desgostem por não caminharem rapidamente nõ alcance da maior perfeição da liberdade, entendemos nõs; comprehende-se muito facilmente. Mas o que nõs não entendemos — o que não é fácil de comprehender, — o que ha de sempre tornár suspeita a sinceridade dos miguelistas, é a exageração das idéas liberaes que affectam.»

E quem diria que a mesma penna que traçou aquellas linhas havia nõ dia seguinte de declarar que a junta do Porto representa as pertencções do proscripto de Roma? Pois assim o declarou! Nõ dia 4 erã os miguelistas traidores infames por nõ quererem acclamar D. Miguel! No dia 5 somos nõs renegados porque o queremos acclamar! E note-se que estas proposições contradictorias são derivadas nõ dos diversos factos mas dos mesmos documentos!

A estreiteza da folha força-nos a sermos breves. Teriamos ainda de esmagar o impudente que nem sequer respeitã as cinzas dos mortos, que deshonra o sacerdocio que exerce, e que escarnece os seus próprios leitores. Por hoje concluiremos com uma declaração que se lê nos periodicos do Porto, e que o *Diario* confessa ser da propria junta do supremo governo do reino. Como tal a temos, como tal a consideramos, e com ella desfazemos as garotices do *Diario* que acha contradicções aonde nõ ha senão concordancia, e que até (oh vergonha) já escreveu que o *Nocturnal* de 16 de Janeiro se esquecera do que havia escripto a 18 do mesmo mez!!! Isto vem nõ *Diario* de 29 do pasado. Até a ordem dos tempos inverte!

Eis-li a declaração a que alludimos:

«O *Diario* de Lisboa tem dado como certo que a junta do governo provisorio do reino se alliara com o partido realista para restabelecer D. Miguel no throno; e excluir a dynastia reinante.

«Estamos auctorisados para desmentir formalmente similhante asserção. A junta provisoria tem um programma, um compromisso de honra e de principios a que nõ devia nem podia faltar. Este programma e este compromisso está explicitamente formulado na sua proclamação de 11 de Outubro, na representação que dirigiu a S. M. a rainha em 13 de Outubro e no manifesto de 8 de Dezembro.

«N'este presuposto foi a junta proclamada e reconhecida pela maxima parte da nação.

«A junta sabe, que este reconhecimento é o seu titulo de legitimidade, a sua credencial de poder, que o nõ poderia alterar, sem trahir o seu mandato e destruir a condição da sua propria existencia.

«A alliança que de facto existe hoje entre o partido realista e progressista nõ vai além da necessidade instinctiva em que ambos se vêem collocados de guerrear o inimigo commum.

«A junta manterá com firmeza até á ultima extremidade a sua bandeira.

«Muito folgaria de ver congressados todos os partidos n'um só principio de nacionalidade e de fusão, mas debaixo d'este principio nõ fará mais do que seguir a politica que o partido progressista tem sempre sustentado.»

O governo tem más noticias dos seus peritos generaes. No Alentejo diz o Shwálback n'um officio confidencial que as forças liberaes interceptaram — *Eu nada confio na columna; temo uma revolta — temo cousas serias; os povos repulsam-nos.*

O famoso cabecilha que ia percorrer o Alentejo para cair sobre Evora já nem sequer pôde escapar-se d'Arrayollos, e até a sua correspondencia com a facção de Lisboa lhe é interceptada.

Do Minho estão a chegar embarcações a cada momento, e o ministerio recusa-se a dar-nos novas suas. É porque lhe vai muito mal. O ex-barão do Casal a estas horas deve estar incurralado em Valeença se lá podesse chegar.

O *perito* ex-duque de Saldanha nõ ousa approximar-se do Porto. A Beira está toda revoltada contra elle.

As armas ministeriaes alcançaram um assinalado triumpho em Borba — Houve lá um pronunciamento miguelista, foi cercada a villa, e as forças pronunciadas eram cinco homiens, um dos quaes foi assassinado, 4 presos, e remettidos para Lisboa, porque na *actualidade* (diz o ex-barão de Estremoz) nõ convem mandá-las para Elvas, por estar em risco de cair brevemente nas mãos dos populares!!! Foi uma façanha como a do ex-conde de Vinhaes, que com uma columna batteu seis miguelistas, e cobriu-se de gloria!

Rebentou a guerra entre a gente da cavalaria. Temõs em nosso poder uma proclamação cabralista contra o sujo Sousa Azevedo, contra o Roma, contra os agiotas, e contra todos os outros ministros, menos contra o Saldanha, que se diz estar em correspondencia activa com o

João Cabral. Injuriam-se e chamam-se ladrões uns aos outros. Nós acreditamos piamente que todos teem razão.

A proclamação, pasquim, ou como lhe queiram chamar termina assim:

«Que fazeis, cartistas? Dormis? É tempo de acordar. Dirijamo-nos ao throno, e a rainha nos acudirá: dirijamo-nos ao invicto maréchal, e Saldanha nos salvará.

«Fóra o Sousa e Azêvedo! — fóra o Roma! — fóra os agiotas!

«Nada de miguelistas! — Nada de palmelistas!

«Haja pão e justiça!

«Viva a rainha!

«Morrão os traidores!»

Vimos diversas cartas do Porto algumas das quaes ainda que de data mais anterior não deixam de conter materia de interesse. N'uma de 10 de Janeiro se diz o seguinte:

«Chegou d'Aveiro o Mendes Leite trazendo perto de trinta contos de réis. A nossa questão apesar do desastre de Torres-Vedras está nos melhores termos, porque a nação está resolvida a esgotar todos os recursos para acabar com o despotismo. Todos os dias chegam ás 200 recrutas, além dos corpos populares que se vão regularizando, e que rivalisam, e se batem como a tropa de linha. Não falta dinheiro, e por isso hâveinos de infallivelmente vencer, e só ha para lamentar a demora, e o sangue que correrá.»

N'outra de 20 do mesmo mez se lê:

«A junta completou o systema de segurança no caso do Saldanha atacar o Porto: é impossível que os mal intencionados possam tentar cousa alguma a favor dos cabraes-saldanhistas. Desde o dia 14 que as linhas estão concluidas — 3:400 homens de infantaria e caçadores, e 7:800 de batalhões populares e nacionaes guarnecem a linha além da reserva dentro da cidade de 2:700 homens de linha e 440 cavallos. A tropa de linha compõe-se hoje de 6 regimentos d'infanteria, o menor dos quaes tem 500 praças, 3 batalhões de caçadores, 2 regimentos d'artilheria, o corpo da guarda municipal etc. etc. — Temos viveres para 3 mezes para toda a população — e a competente reserva de dinheiro para pagamento do exercito, além do que vai rendendo a alfandega. — Temos 3 vapores, e outros menores vasos de guerra, e esperamos um vapor grande que está fretado em Inglaterra etc.»

N'outra de 29 se diz:

«Temos ordem de marcha. Antas, com quatro a cinco mil homens, quatro peças e dois obuzes, vai encurrular o Casal em Valença, ou destrui-lo completamente se ousar esperar. Va-

mos dar um passeio militar pelo Minho, e levantar toda a provincia, o que será negocio de oito a dez dias. Aqui fica com dez mil homens o barão d'Almargem e o Sá da Bandeira. Cesar está em Penafiel. Apresentaram-se hoje quifize soldados do 8 de infantaria, de granadeiros, e dois sargentos de caçadores 8. Todos os dias se apresentam soldados do desastre de Torres Vedras. Se o Saldanha se aproximar do Porto, a deserção que soffrerá hade ser espantosa, pelo grande terror de que estão apossados de que veem para o matadouro. O panno da amostra tiveram-no em Torres, e não duvido que a demora do Saldanha em avançar seja a pouca vontade e a falta de coragem que vê nos seus. Se elle ousar vir até ao Porto muito breve se decidirá a questão.»

Um dos dias passados ficou o governo sem um dos vasos de guerra — o cahique que estava em Paço d'Arcos lançou em terra o capitão, levantou ferro, e tomou a direcção do Porto com uns poucos de liberaes.

O vapor *Porto* sahiu com alguns petrechos militares, mas sem uma só peça. Commanda-o o fanfarrão Soares Franco que um dos dias passados esteve no largo do Pelourinho a desinvolver os seus planos de ataque na presença d'uns poucos de garotos.

Já dissemos ha dias algumas palavras sobre a miseravel situação em que se acha grande numero de presos politicos nesta capital.

Perto de cincoenta de fóra de Lisboa, mettidos na casa forte do Limoeiro, sem cama, sem mais fado do que o que tinham vestido quando foram presos (já ha muitos dias), e sem mais alimento do que a pessima e insufficientissima ração diaria da caridade; outros tantos que foram sargentos, cabos e soldados da guarda municipal, e que, tendo-se lhes dado baixa do serviço, estão no Limoeiro, reduzidos simplesmente á mesma ração da caridade; e alguns outros de diversas classes, em iguaes circumstancias: eis o estado em que se acham algumas das victimas da maternidade do presente governo de Lisboa.

Fome, frio, miseria, immundice! E muitos dos que assim são tratados, derramaram seu sangue, e soffreram grandissimos trabalhos por S. M. a sr.^a D. Maria 2.^a!!!

Muitas pessoas teem acudido á fome e ao frio destes infelizes. Mas os presos são tantos, a crise vai-se prolongando de modo, e as prisões crescem cada dia a tal ponto que os soccorros devem augmentar em proporção de todas estas considerações.

Assim o pedimos a nossos leitores ; e confiamos que os infelizes acharão auxilio nos corações bem formados.

Quem dissera que este auxilio havia de ser necessario, sendo rainha a filha de D. Pedro !



Na *Chronica Eborense* de 27 de Janeiro se lê o seguinte periodo d'um officio dirigido do governador civil de Portalegre ao de Évora :

« Illm.º e exm.º sr. — Hontem tive a participação official da derrota das forças cabralistas em Penamacôr em força de 300 homens ; perderam 52 prisioneiros, e 40 e tantos cavallos, algumas parellhas, e todas as bagagens, — fugindo o resto em debandada para Hespanha. »



Lê-se no *Diario* de 5 do corrente o seguinte boletim telegrafico :

« Mac-Donell, e o coronel de realistas de Baião foram mortos no dia 30 de Janeiro ultimo pela cavallaria do conde de Vinhaes. »

A este boletim segue-se um officio do governador civil cabralista de Villa Real, o qual diz haver recebido extra-officialmente a mesma noticia e accrescenta : — « Este intitulado general (Mac-Donell) tentou incutir valor nos 100 « homens que o seguiam para esperar aquella « columna, e reconhecer a força de que ella se « compunha ; todavia sendo seus esforços baldados, porque ninguem se offereceu para o acompanhar, senão apenas cinco do seu estado maior, « com estes voltou á retaguarda, sendo então « alcançado e acutilado pela cavallaria, assim « como o referido intitulado coronel, os quaes « morreram cobardemente. A identidade da pessoa de Mac-Donell foi reconhecida por diversas pessoas, e desta circumstancia se lavrou auto judicial, que se remetteu ao benemerito conde de Vinhaes. »

Poucas cousas temos visto tão vergonhosas como esta. Mac-Donell era nosso inimigo, porque guerreava a junta do Porto, e pugnava por D. Miguel, mas podia ser vencido sem ser assassinado, e sem deshonra para os vencedores. Já escrevemos que este estrangeiro havia de ficar só no meio do paiz, e o nosso prognostico verificou-se.

Como é que se chama cobarde a um homem que só com cinco do seu estado maior espera uma columna de valentes ? Como se diz que esses cinco homens morreram cobardemente ?

Se foram cobardes não combateram, e nesse caso a morte de cinco homens foi um assassinato que nenhuma causa pôde justificar !

È foi ! que até para não faltar nada ás solemnidades que caracterisam esse crime, se lavrou auto judicial, fórmula desconhecida nos annaes das nossas guerras !

Gloriai-vos, guerreiros valentes, que commettestes um alto feito. Uma grande columna das vossas derrotou uma força de 5 homens, e matou-os todos ! — Sois uns heroes — rivalisais com o Casal, que tambem assassina assim !

E tu, Simão Pessoa, acceita os emboras da gazeta official. E's um bravo, cobriste-te de gloria apesar de vères sómente o auto do corpo de delicto !

Agora o *Diario* ameaça tambem com o assassinato do general Povoas. Assassinem embora, mas lembrem-se que a causa não é a mesma, e no Cães do Tojo tem sido pendurado muito assassino. O caduco Saldanha não lhe acontecerá o mesmo, nem aos seus. porque não esperarão com cinco homens uma columna das nossas forças, nem estas commetteriam um acto de cobardia assassinando os que tal acto praticassem, mas temos outros meios de punir crimes.

Temos vergonha de que neste paiz se comemorem taes acções, e de que a folha official as alardêe diante da Europa.